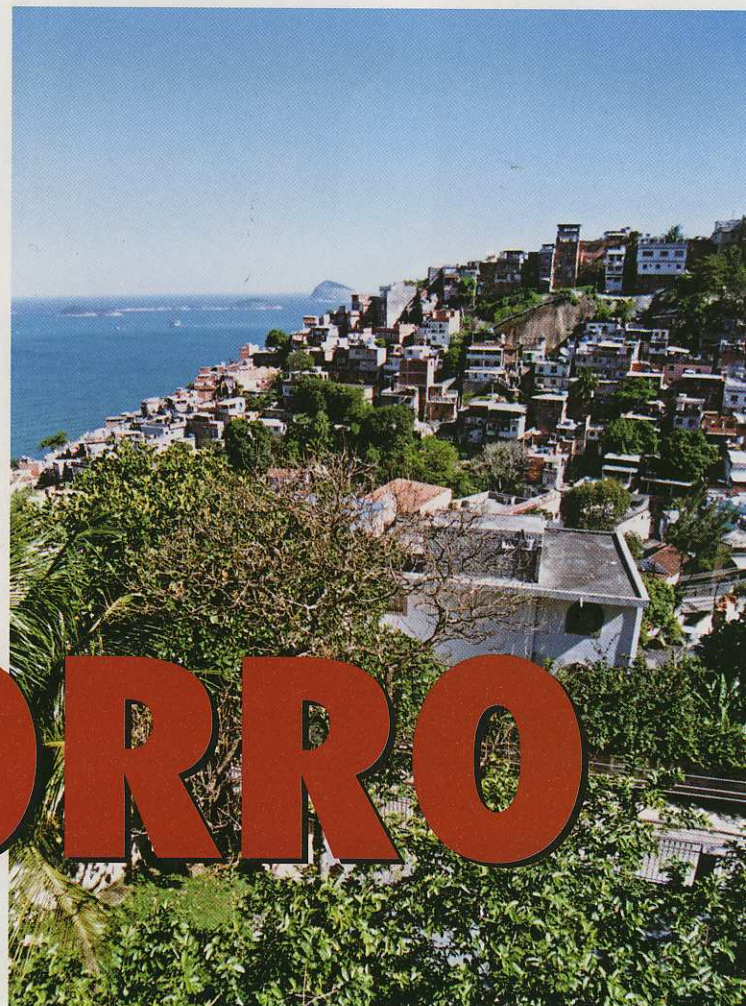


A vida e os sonhos dos moradores do morro do Vidigal, no Rio transformam-se em arte pelas mãos da arquiteta francesa, Françoise Schein

VIVIANE MEDEIROS

A ARTE SOBE

O MORRO



“**A** arte é uma oração. É uma mão estendida na penumbra que recolhe um pouco de graça e se transforma na mão que doa.”

A frase do escritor tcheco Franz Kafka é a tradução do que faz a arquiteta francesa Françoise Schein. Não à toa está entre as dez citações de pensadores e filósofos escolhidas para estampar um painel de azulejos no morro do Vidigal, comunidade pobre da zona sul do Rio de Janeiro. O painel, de 40 metros de comprimento e três metros de altura, é a sétima obra de arte de uma lista de intervenções urbanas que Françoise vem realizando mundo afora, movida por um sentimento libertário de promover a ligação entre democracia e direitos humanos. “É preci-

Essa espécie de intuição levou Françoise ao Rio de Janeiro pela primeira vez em fevereiro de 1999. Foi paixão à primeira vista, pela cidade e pelas pessoas. Tanto que ela resolveu adotar uma criança brasileira. Depois de seis meses, encontrou Lahana, então com sete anos de idade, filha de um marinheiro peruano e de uma mulata brasileira. “Ela vivia em um abrigo para órfãos no Alto da Boa Vista, perto do Corcovado. Acho que foi Deus quem a trouxe para mim”, filosofa. Mas o processo de adoção foi demorado. Levou nove meses, quase uma gestação de verdade. Enquanto juntava documentos e aguardava a decisão da justiça, Françoise teve a idéia de repetir no Brasil o que já tinha feito na Europa.

A inspiração surgiu a partir da semelhança entre as cidades mediterrâneas e a arquitetura pouco convencional dos morros cariocas, com suas casas sim-



Fotos: Paula Kossatz

(Ao lado) Sebastião e Samuel: antigos moradores do morro usaram a experiência de pedreiro para colocar em prática o projeto da arquiteta. (Na página ao lado) Vista panorâmica do Vidigal e o painel de azulejos (acima).

so investir na educação da população para que a democracia se consolide inteiramente”, defende, em um português ainda carregado de sotaque.

Dominada por esse espírito, a artista já deixou a marca do seu trabalho em estações do metrô de seis capitais da Europa: Paris, Bruxelas, Estocolmo, Berlim, Jerusalém e Lisboa. Nesta última, passou uma temporada e encontrou um carnavalesco brasileiro, cujo trabalho despertou seu interesse pelo Brasil. “Eu conhecia um pouco da literatura, mas ainda estava presa aos estereótipos, principalmente às imagens do Carnaval. Embora nunca tivesse pisado em solo brasileiro, sentia como se conhecesse o país. Havia uma atração inexplicável”, lembra.

ples, de padrão irregular, contornadas por vias estreitas. A idéia inicial era reunir todos os artigos da Declaração Universal dos Direitos Humanos em painéis de azulejo, que decorassem as fachadas das casas e as ruas de uma favela. O local eleito para receber o trabalho da artista foi o morro do Vidigal, que estava sendo urbanizado pela prefeitura do Rio.

Depois de visitas frequentes à favela, aos poucos a arquiteta alterou o projeto original: no lugar de um painel em cada casa, a artista decidiu elaborar uma instalação bem maior na praça principal, logo na entrada da comunidade. E a Declaração dos Direitos Humanos deu lugar a textos que falam sobre a vida, o trabalho, a arte, o sonho—ferramentas fun-



Paula Kossatz

O painel, de três metros, é a sétima obra da arquiteta francesa Françoise Schein, que já deixou sua marca em estações de metrô em Paris e Berlim

Primeiro contou com a ajuda de técnicos da Secretaria de Habitação, que lhe forneceram as plantas urbanísticas do Vidigal, necessárias para se conhecer a geografia do lugar.

O mapa da comunidade seria ilustrado no painel. Depois, ela conseguiu apoio do Consulado Francês e da Associação Francesa de Ação Artística, entidade ligada ao Ministério dos Assuntos Estrangeiros, que lhe deram uma bolsa para financiar sua estadia no Brasil. A permanência no país só era interrompida quando Françoise precisava retornar à França para concluir outros projetos de trabalho. Entre idas e vindas, em janeiro de 2000 ela, finalmente, deu início à captação de recursos.

Com o desenho debaixo do braço, partiu em busca de patrocínio. A ajuda veio de uma fábrica de azulejos com sede em Santa Catarina, no sul do país. Em julho deste ano, o esboço seguiu para a fábrica,

damentais de quem deseja construir um mundo melhor, no qual os direitos de todos sejam respeitados com igualdade. Françoise não estava sozinha nessa empreitada.

que doou quase 15 mil azulejos. O material chegou no Rio no mês seguinte e só então teve início a última etapa – e, também, a mais trabalhosa: a montagem do painel. “Passei a freqüentar a comunidade para conhecer os moradores e contar a eles o que pretendia fazer. Assim, nós trocamos idéias e ao mesmo tempo em que eles se sentiam mais à vontade comigo, eu aprendia a confiar neles”, explica.

Igualdade, liberdade e fraternidade – Essa convivência trouxe o que faltava para o sucesso do projeto: o encontro de Françoise com Sebastião e Samuel. “Ela conhecia um amigo nosso, morador do morro, e foi assim que nos aproximamos”, conta o pernambucano Sebastião Francelino de Oliveira, de 52 anos, há 20 no Vidigal. “Nós não sabíamos exatamente o que seria o trabalho, apenas que tinha relação com a arte”, explica o vizinho e conterrâneo Samuel Alexandre da Silva, de 49 anos. O trabalho a que se refere era colar ladrilho por ladrilho na parede da praça principal da comunidade, o que não parecia nenhuma novidade para quem está acostumado a fazer esse tipo de serviço em cozinhas e banheiros de apartamentos e mansões da zona sul do Rio.

Mas não foi tão simples assim. Como não havia

sobra de azulejo, era preciso ter atenção redobrada. O teste começou pelos degraus da escada. Samuel diz com orgulho: “Como deu certo, a Françoise passou a acreditar na nossa capacidade”. Os cinco degraus foram concluídos em três dias. E poderia ter sido menos, não fosse uma falha na arquitetura. O espaço deixado para os azulejos era de 31cm², dois a mais que o padrão. Resultado: cada peça teve de ser cortada manualmente.

O caminho dos direitos humanos – O grande desafio foi colocar os azulejos na parede. Primeiro, porque a superfície era irregular, cheia de imperfeições. Depois, porque em cada azulejo havia uma letra para se formar uma frase. “Nós éramos orientados o tempo todo pela Françoise e, além disso, tínhamos como referência um desenho do painel”, diz Sebastião. “Um erro poderia ser fatal, uma letra não podia ser colocada fora de ordem ou de cabeça para baixo”, Samuel completa. A rotina era pesada: das 7 da manhã às 6 da noite, com rápida parada para o almoço. Os dois contavam com a ajuda de um assistente. A mão-de-obra foi remunerada graças à doação de uma construtora.

Em três semanas, estava tudo pronto. “Foi cansativo, mas eu fiquei muito feliz. Todo mundo passava, olhava e gostava. Essa iniciativa foi um benefício para a comunidade onde eu moro”, comemora Samuel ao contemplar o painel, em que uma única frase aparece escrita seis vezes: “O caminho dos direitos humanos”. Talvez esse caminho seja uma nova relação entre homens e mulheres, como a que Françoise estabeleceu com os moradores do Vidigal. “Depois de quinze dias, nós tínhamos a sensação de que nos conhecíamos há quinze anos! Ela não fazia distinção”, Samuel ainda se surpreende. “Eu queria que no Brasil houvesse tantas pessoas com o coração generoso como o da Françoise”, sonha Sebastião.

Para traduzir essa simbiose entre a arquiteta francesa e a gente simples do Vidigal, ninguém melhor que Vinícius de Moraes. Com um texto sobre o comportamento despojado e a personalidade amigável do carioca, o poeta também foi um dos eleitos para deixar suas palavras impressas nos pequenos quadrados de cerâmica, que hoje não apenas decoram a entrada da favela, mas, de alguma forma, são a porta para um mundo de mais igualdade, liberdade e fraternidade.

FRANÇA
BRASIL